

“Palavras no Tempo”

Ciência e Religião – no Museu do Vinha da Anadia

João Fernandes e Carlos Fiolhais, 23 de maio de 2014

João Fernandes:

Apresento-me aqui, perante vós, como um aprendiz sobre esta temática, uma vez que este é um assunto que me interessa e sobre o qual tenho feito alguma reflexão nos últimos tempos. Mas sobre o tema estou ainda numa fase de “adolescência”.

Desde que me conheço, reconheço em mim duas características: acredito em Deus e sou curioso. Estas duas características têm sido totalmente estruturais na minha vida. Tive a felicidade de poder enveredar por uma carreira científica. Tive também a felicidade de, nas alturas certas, ter tido bolsas que me permitiram fazer um mestrado e um doutoramento. Tive a oportunidade de ir para fora do país numa altura em que a Astronomia, em Portugal, não estava no grau de desenvolvimento em que está hoje. Pude, assim, dar continuidade a um dos meus sonhos, que era o de ser astrónomo.

Sempre manifestei este gosto aos meus colegas e, curiosamente, recebia deles não só interesse, mas também uma questão: como poderia eu querer ser astrónomo e, ao mesmo tempo, ir à missa? Ora, para mim, isso era natural, na altura: porque é que eu não haveria de querer ser astrónomo e ir à missa? Porque é que as duas coisas teriam de ser incompatíveis? E argumentavam-me com Galileu, naturalmente. O processo de Galileu – não vamos pormenorizá-lo aqui – é um processo traumático, revestindo-se de aspetos de vergonha para a própria Igreja. Ele, de várias maneiras, inquinou, e muito, a discussão assim como a serenidade com que esta discussão deve ser feita.

E mantive-me mais ou menos nesta ideia, pueril, de que Deus não só não ficava triste se eu quisesse ser astrónomo para descobrir coisas, como até era capaz de ficar contente, como qualquer pai fica contente quando os filhos crescem e progridem. E foi sempre com esta ideia que me mantive. Depois, fui lendo algumas obras e encontrei uma do próprio Galileu: em que ele, sem qualquer tipo de provocação, escreve, numa carta a uma nobre italiana a propósito dos textos bíblicos, que a Bíblia diz como se vai para o Céu, mas não diz como é que vai o céu.

Há uns meses, o Carlos Fiolhais, numa conversa a propósito de um outro assunto, referiu-me uma citação de um padre belga que foi também um grande cosmólogo - pode mesmo ser considerado um dos pais da Cosmologia moderna - chamado Georges Lemaître, que terá dito algo como isto: “Quando entro na igreja, ponho o cabeção; quando entro no observatório, tiro o cabeção.” E eu creio que esta ideia de uma convivência pacífica, dentro da comunidade crente, entre a Ciência e a Fé é hoje uma ideia perfeitamente aceite. Pode-se, de facto, conviver pacificamente com as duas vivências e a minha experiência é um exemplo disso mesmo.

Porém, há um aspeto que me desassossega, que é o seguinte: são dois aspetos da vida de uma pessoa – a espiritualidade e a racionalidade –, mas eu, quando entro na igreja ou me ajoelho perante o sacrário, sou a mesma pessoa que, depois, entra no observatório; não sou duas pessoas diferentes. E esta questão é que me começou a levantar problemas. Ou seja, como é que isto se vive? Se eu respondesse que são duas vivências quase, matematicamente falando, ortogonais, não teria de me preocupar com o problema. Mas esta resposta não me satisfaz. Eu sou a mesma pessoa que vive a espiritualidade e a racionalidade. Além disso são duas características fundamentais na minha vida. Note-se que não estou aqui a tentar encontrar relações ou influências da minha investigação com o facto de eu ser adepto do Benfica, por exemplo, ou influências da minha fé com o facto de eu ser um apaixonado por música clássica... Não! Estou a falar de coisas absolutamente estruturais na minha vida: ser crente e ser cientista. Eu até podia não ter tido a felicidade de ser cientista, do ponto de vista de seguir uma carreira, mas uma pessoa curiosa seria sempre, porque essa atitude está imanente em mim.

Portanto, a minha questão principal é: será que não há permeabilidade entre estes dois mundos: a espiritualidade e a racionalidade? Será que eles são verdadeiramente ortogonais? Será que não há nenhum tipo de projeção, para usar um outro termo matemático? Será que eu, ao dizer isto, não estou a procurar escapar, de alguma maneira, a questões fundamentais? E que questões são essas? Vamos pô-las de uma forma clara: serei eu melhor ou pior cientista pelo facto de ter fé? Ou é indiferente? E o contrário também posso questionar: será que o facto de ser cientista me leva a aumentar ou a diminuir a minha fé, ou isso é indiferente para a minha fé? E tenho legitimidade em colocar estas questões; elas são relevantes, creio eu. E agora vem a explicação para a minha “adolescência”: eu não tenho, ainda, resposta a essas questões. Não sei se há algum estudo estatístico que tenha seguido o percurso de pessoas que foram crentes e que depois, sendo cientistas, passaram a não crentes, ou o contrário. Não sei se há. Creio que não! O que me preocupa aqui é passar-vos o meu testemunho.

Estou numa fase de reflexão anterior a essas discussões e a fase de reflexão a que me propus assenta no seguinte: será que há aspetos do João Fernandes cientista e do João Fernandes crente que podem ter algumas semelhanças? Ou há características do João Fernandes crente e do João Fernandes cientista que podem, de alguma maneira, ter características de uma ponte? Eu encontrei duas dessas características: liberdade e responsabilidade.

Eu não concebo um cientista que não tenha liberdade para colocar questões e liberdade para lhes responder. Senão, por defeito, não conseguiria ser cientista. Tem de ter liberdade. E ser cientista é uma opção, ninguém é cientista por imposição. Um indivíduo pode ser obrigado, à força de chicote ou por absoluta necessidade, a fazer determinados trabalhos, por exemplo para alimentar a sua família. Já o ser-se cientista é um ato voluntário, é uma liberdade total. Liberdade para questionar e liberdade para responder às questões. De alguma maneira, na fé, isto também acontece: a fé não se impõe. Eu estou, naturalmente, formatado na religião católica e na fé católica – e não poderei aqui fazer uma argumentação para outras religiões –, mas, embora formatado nesta fé, esta é entendida pelos católicos como uma graça. Pondo essa questão de parte, que é uma questão um pouco mais difícil de discutir, o que é claro é que a fé é uma opção. Não se pode dizer a alguém: “Acredita!” Não é assim, é quase como um

ato de amor: não és obrigado a amar. Portanto, a fé está intimamente ligada à liberdade. Não concebo a existência de fé sem liberdade.

Uma outra questão é a da responsabilidade. E penso que não é difícil compreendermos que um cientista tem responsabilidades a vários níveis. Tem uma responsabilidade ética do ponto de vista dos seus resultados. Mas não era tanto este aspeto que eu gostaria de ressaltar, era sobretudo a sua responsabilidade em relação aos outros. A sua investigação pode ter resultados que têm implicação nos outros e este aspeto é muito importante. Na fé – e falo, uma vez mais, formatado na fé católica –, a responsabilidade também existe.

E para aqueles que estão, talvez, menos habituados a estas questões, eu recordava uma das minhas parábolas preferidas do Evangelho: a parábola dos talentos. A história é mais ou menos conhecida: um rei vai fazer uma longa viagem e deixa aos seus ministros cinco, três e um talentos, respetivamente. Entenda-se como talentos, porções de riqueza. Passados alguns anos, o rei volta e pede contas. O ministro que tinha recebido cinco talentos diz-lhe: “Majestade, trabalhei, investi e devolvo-vos o que me deixastes e mais cinco talentos.” O mesmo acontece com o ministro que tinha recebido três. Mas aquele que recebera um só talento tinha pegado nesse talento – entenda-se um pote – e tinha-o enterrado, com medo de que o investimento não funcionasse, ou com medo de o perder. O que acontece é que o rei o culpa e diz: “Servo mau e inútil! Devias, ao menos, tê-lo colocado num banco para ter juros.” E, portanto, esta ideia da responsabilidade da fé – que é uma fé que não é só para mim, mas que deve irradiar para os outros – é também um ato de responsabilidade.

Estou, tal como vos dizia, numa fase de aprendizagem e não tenho, para já, respostas para as perguntas complicadas que vos coloquei. Sinto que tenho legitimidade, pelo menos interior, para as colocar. Não sei se o caminho por onde vou, se estas pontes que encontro em mim – a liberdade e a responsabilidade –, é extensível a outros. Quanto a mim, não posso ser nem cientista nem crente sem ambas.

Carlos Fiolhais:

Ciência e Religião... Se colocamos Ciência de um lado e Religião de outro, é porque são duas coisas diferentes e isto é um ponto sobre o qual estamos de acordo: os seus métodos são diferentes, os seus objetivos são diferentes. Mas, se concordamos que existe uma diferença essencial entre Ciência e Religião, podemos imediatamente dizer que também têm algo em comum, senão o diálogo tornar-se-ia impossível. Quem não tem nada em comum não pode dialogar. E, do meu ponto de vista, o que têm em comum é profundo.

Para começar, no nível mais simples: ambas correspondem a necessidades do Homem. A Ciência é algo de que o ser humano precisa. É algo feito pelo ser humano e que é entregue a todos. Apesar de ser realizada apenas por uma parte da Humanidade, a Ciência é para toda a Humanidade. E a Religião também é algo que é humano, que foi e é construído pelo ser humano; também tem este sentido de comunidade – aliás, *religião* tem etimologicamente a ver com “ligação”. Então, ambas as atividades são do Homem e para o Homem. Este é o aspeto mais básico. Agora, um aspeto mais profundo é que ambas tentam fornecer sentido. Trata-se de sentidos diferentes, bem entendido. Dito de uma outra maneira: ambas tentam penetrar no mistério, embora se trate de mistérios diferentes. De modo que somos todos seres

humanos à procura... Do meu ponto de vista, o que a Ciência e Religião têm mais em comum é o seguinte: são expressões de incompletude do ser humano, que precisa de mais alguma coisa... e que precisa de mais alguma coisa em comunidade, em partilha.

Do ponto de vista histórico, quando a Ciência começou, já existia a Religião. Quando começou a Ciência Moderna, entenda-se... Com certeza que a Ciência é filha da curiosidade e a curiosidade existe desde que existe o ser humano à superfície, mas podemos situar o aparecimento da Ciência Moderna no início do século XVII. É bem conhecida a história trágica de Galileu, referida pelo João Fernandes, uma história marcante. A Ciência aparece hoje associada à Religião através do sinal gráfico do travessão (Ciência – Religião), muito por causa desse embate, um embate que deixou marcas que chegaram aos dias de hoje.

E o que é que aconteceu nessa altura? O que aconteceu é que havia um território – a tal busca de sentido, o tal mistério – que estava inteiramente unificado. O sentido era só um! E houve ali uma disputa de território. Galileu queria procurar um sentido, que era um sentido diferente daquele que então era corrente a propósito do mesmo objeto – o mundo. O sentido do mundo encontrava-se exposto nas Sagradas Escrituras. Bastava, portanto, ler o livro do *Génesis* para ver como é que o mundo tinha aparecido. E não apenas para ver esse, mas também para ver outros aspetos do mundo: no Antigo Testamento está escrito, numa passagem muito clara, que o Sol anda à volta da Terra. Aliás, não é só numa passagem. Há um milagre, o milagre de Josué, em que o Sol se imobiliza. Quando Galileu veio dizer, corroborando Copérnico, que, afinal, a realidade é ao contrário, ou seja, que a Terra anda à volta do Sol e que o Sol permanece imóvel, ele estava a afirmar uma espécie de milagre permanente. Isto é o mundo era todo ao contrário do que estava nas Escrituras.

Não significa isto que, anteriormente, não tivessem ressaltado já diferenças entre o Livro Sagrado e as observações. Por exemplo, já se sabia, na época de Galileu, que a Terra era redonda. No entanto, há passagens na Bíblia que dão a entender ou afirmam mesmo que a Terra é plana. No século XVII, era bem conhecida toda aquela bela estrutura medieval do cosmos em que o Céu ficava por cima e o Inferno por baixo, relativamente a uma Terra esférica. Portanto, acreditava-se não só que a Terra era esférica, como também que o lugar final dos pecadores era no centro dessa esfera. No entanto, a questão de a Terra ser ou não esférica nunca provocou qualquer polémica. Pelo contrário, a tese do movimento relativo do Sol e da Terra constituiu nos tempos de Copérnico e Galileu um aceso pomo de discórdia.

A questão era, afinal, uma questão de autoridade: quem é que podia fazer as interpretações correctas do texto bíblico? A resposta era muito clara: Galileu não tinha o direito de dizer as coisas da Bíblia de uma maneira diferente daquela que estava na Bíblia. Ele acabou por ser condenado a prisão domiciliária, como sabemos. Uma das emoções maiores que eu tive na vida foi numa ocasião em que visitei Roma ter visto exposta a abjuração de Galileu – assinada pelo próprio punho *Galileu Galilei* –, numa exposição sobre o Arquivo Secreto do Vaticano. Galileu abjurou, o que só mostra que ele era humano... teve medo. O que é sobremaneira curioso é que, apenas passados quatrocentos anos, ele tenha sido reabilitado pelo Papa João Paulo II, que sustentou que Galileu era um grande cientista e que, a respeito do movimento da Terra, a razão lhe assistia.

Hoje é muito claro para nós aquilo que já era claro para Galileu. Galileu era católico e um católico fervoroso, era um homem de profunda fé; curiosamente, a fé dele não foi abalada pelas provas a que foi submetido no Tribunal da Inquisição. Era, por isso, uma fé muito forte, suficientemente forte para resistir àquela dolorosa experiência, porque ciência e religião estavam bem arrumadas na cabeça dele. Galileu dizia – e repito uma passagem que já aqui foi evocada – que a Bíblia, ou melhor o Espírito Santo, ensina como é que se vai para o Céu, mas não ensina como é que vai o céu. E essa interpretação de Galileu dos textos bíblicos continua a ser a nossa interpretação hoje: a interpretação oficial da Igreja Católica e a interpretação de todos.

Gianfranco Ravasi, o cardeal que dirige o Conselho Pontifício da Cultura do Vaticano, uma espécie de Ministério da Cultura da Santa Sé, escreveu, no seu livro *Breve História da Alma*, que a principal questão não dizia respeito ao Sol e à Lua; a principal questão era a de saber quem é que diz o quê e sobre o quê e, claro, com que intenção o diz. Escreve Ravasi: “Tinha razão Galileu - que, neste caso, se revelava melhor teólogo do que os seus opositores teólogos, quando escrevia ao abade beneditino Benedetto Castelli palavras esclarecedoras (que depois haveria de repetir à grã-duquesa Cristina de Lorena): ‘A autoridade do Espírito Santo teve em mira persuadir os homens sobre aquelas verdades que, sendo necessárias à sua salvação e superando todo o humano discurso, não podiam por outra ciência nem por outro meio ser conhecidas a não ser por boca do mesmo Espírito Santo’ ”. Quer dizer, há certas coisas que se podem estudar, através de determinado método, usando por exemplo o telescópio ou outros instrumentos, e há outras coisas que tem de ser o Espírito Santo... E, para Galileu, as duas abordagens coexistiam perfeitamente, sem dar azo a dúvidas. Para os seus juízes, as duas realidades não poderiam coexistir; mas, para ele, podiam. A questão hoje está resolvida. Até já houve alguém que, em tom irónico, disse que só faltava erguer no jardim do Vaticano uma estátua ao Santo Galileu... Santo será um pouco demais, mas qualquer dia alguém vai tratar de erguer a estátua; julgo que até já houve uma petição nesse sentido.

O grande Isaac Newton, um cientista anglicano profundamente crente em Deus, não só não colocava em questão que Deus tivesse criado todo o mundo num momento inicial, como também defendia que era impossível a Criação a partir do nada. E dizia até que Deus continuava presente na atualidade e que poderia intervir, e era mesmo necessário que interviesse, não apenas em assuntos humanos, mas também em assuntos astronómicos, como, por exemplo, o movimento das estrelas. Se a força de gravitação universal atrai as estrelas umas para as outras, a certa altura as estrelas deveriam chocar umas com as outras. O que é que impediria alguns choques iminentes? Uma intervenção divina. Portanto, os milagres não só eram permitidos, como eram mesmo necessários, na opinião de Newton.

Isto originou uma grande polémica à época. Por exemplo, o alemão Gottfried Leibniz, considerado o grande adversário de Newton, dizia que a posição newtoniana não fazia sentido nenhum, designadamente a existência de um Deus que corrige continuamente a sua obra, uma Deus que no início não criou o mundo de maneira perfeita e que tem de vir arranjar alguma coisa quando é preciso. Para Leibniz, Deus tinha criado o mundo perfeito e só lhe restava descansar eternamente. Não tinha de fazer mais nada, pois, a partir do momento da Criação, já tinha ficado tudo feito. Ao que Newton respondeu, por interposta pessoa: “Mas isso é heresia! Então está a dizer que Deus não faz hoje em dia absolutamente nada? Que

Deus não está presente no mundo?” Esta foi uma das maiores polémicas do século XVII, uma controvérsia na qual se misturavam Ciência e Religião. Porquê? Porque a distinção entre Ciência e Religião, que já estava organizada na cabeça de Galileu, não tinha sido interiorizada por muitos dos seus seguidores, nem mesmo pelos maiores cientistas, pelo que existia entre os cientistas disputas teológicas sobre o papel de Deus no mundo. A separação de águas que hoje vemos – Ciência de um lado e Religião do outro – não era clara à época.

Mais tarde, no século XIX, deflagrou outro grande problema, que veio reavivar o debate Ciência-Religião: a Teoria da Evolução de Darwin. De algum modo, o debate anterior tinha sido decidido no sentido de a organização do mundo dispensar a intervenção constante de Deus: os tais milagres de que Newton falava não eram afinal precisos. A visão de Leibniz ganhou, ou seja, o mundo seria uma máquina perfeita, um relógio perfeito e, quando muito, precisaria de Deus apenas como o relojoeiro construtor do mecanismo. Mas esta visão científico-teológica, em que a Ciência prevalecia sobre a Religião, foi muito abalada com o debate sobre a evolução das espécies, incluindo o ser humano.

A questão da evolução é simples: Darwin, depois da sua viagem à volta do mundo, chegou à conclusão de que todo o mundo vivo, existente ou já não existente, pode ser visto como uma árvore e que existiram ramos dessa árvore anteriores aos que se apresentam atualmente; há um tronco comum, uns ramos maiores, outros mais pequenos, e a nossa espécie não passa de um pequeno ramo dessa árvore. Ele não sabia nada de ADN, nem de genoma, mas percebeu que havia uma unidade histórica no mundo vivo. Hoje, para nós, a Teoria da Evolução não oferece dúvidas, mas ofereceu na altura, tendo gerado enormes discussões. O próprio Darwin, que começou por estudar Teologia em Cambridge, era uma pessoa religiosa; só não foi ordenado pastor por pouco! Ele não interveio neste debate, que foi muito vivo no seio da religião anglicana, mas tinha outras pessoas que o faziam por ele, como Thomas Huxley. É conhecida a famosa controvérsia em Oxford entre Huxley, que foi chamado “cão de guarda” de Darwin, e um bispo anglicano poderoso, Samuel Wilberforce, na qual, a dada altura, este pergunta: “O senhor acha que descende do macaco? Então, se descende do macaco, acha que é pelo lado do seu avô ou pelo lado da sua avó?” E a resposta de Huxley ficou famosa: “Se a questão é descender do macaco ou de uma pessoa que até tem bastantes dotes intelectuais mas que se serve desse género de argumentos para distorcer, num assomo de autoridade, o que era, ou não, matéria de verdade numa discussão livre, então eu prefiro descender do macaco.”

A discussão à volta da evolução persiste até aos dias de hoje, de forma muito nítida no mundo protestante, principalmente em certas regiões mais conservadoras e fundamentalistas dos Estados Unidos, o que tem sobretudo que ver com o facto de este debate ter ocorrido no interior do protestantismo. Atualmente, se perguntarem ao cidadão norte-americano típico se a Teoria da Evolução é verdadeira, ele responderá negativamente, e fá-lo-á não por razões de ordem científica mas por razões de ordem religiosa. Vi recentemente na televisão um documentário norte-americano, que mostrava jovens que tinham aulas de Religião e aulas de Biologia, e não sabiam como é que haviam de conciliar as duas aprendizagens a respeito da origem do Homem, tão diferentes elas eram. Existia um grande drama psicológico na cabeça deles: a mesma pessoa tinha de responder de uma maneira numa disciplina e de uma outra

maneira na outra. Portanto, este embate entre Ciência e Religião ainda hoje faz sofrer muita gente.

Atualmente, há uma outra questão, que diz respeito às neurociências. Na Ciência levantamos interrogações e procuramos respostas a respeito do cérebro, da mente e da alma. Colocam-se hoje questões muito interessantes. Inclusivamente – imagine-se! – alguns cientistas interrogam-se sobre os processos neuronais que estarão na base da Religião e, mais do que isso, sobre os processos da Teoria da Evolução que determinaram o aparecimento e o fortalecimento da crença religiosa. Há quem diga, por exemplo, que os povos muito unidos pela Religião, como o povo judaico, têm uma capacidade de sobrevivência maior do que outros e que, a certa altura, a Religião foi-se enraizando porque a ligação mais forte ajudava as populações a manterem-se. Claro que tudo isto é discutível, não se pode provar nada, mas este tipo de assuntos está a ser discutido no âmbito da Ciência: qual é a origem da crença e quais são os mecanismos da crença? São assuntos muito preliminares dentro da Ciência, mas eu receio que qualquer dia tenhamos uma polémica do género dos que já houve no passado.

Agora, quanto ao embate... pode haver a ideia de que não se deve falar de certas coisas, para evitar problemas. A minha opinião é que não só se pode, como se deve falar de tudo, e é por isso que estamos aqui hoje. Eu estou absolutamente de acordo com o João Fernandes de que é possível uma coexistência entre Ciência e Religião. A história mostra isso. O caso de Galileu, o caso de Newton e tantos outros casos mostram perfeitamente que é possível uma coexistência pacífica. Mas isso não significa de modo nenhum que a crença seja obrigatória.

Como é que eu vejo a questão? Bem, julgo que é São Paulo que fala do “escândalo da fé”. A fé, de algum modo, é um escândalo, no sentido em que alguns têm e outros não. Agora, o que eu não sei é se é um escândalo ter, ou se é um escândalo não ter. A fé é, de algum modo, uma coisa assombrosa. Tê-la ou não tê-la, conforme queiram. Há outros nomes para a fé como a graça. A graça... ou se tem ou não se tem. Não há maneira nenhuma de resolver esta questão. Porque podem dizer assim: “Tem que ver com a educação, com o ambiente.” Claro que tem que ver com a educação e com o ambiente, mas também conhecemos muitos contraexemplos. Temos visto que a Ciência pode ser feita por crentes ou por não crentes. O conjunto de metodologias e o conjunto de objetivos que a Ciência usa e persegue são hoje completamente independentes da Religião. Não é preciso ter nenhum sentimento religioso para trabalhar em Ciência.

Há bastantes cientistas ateus; alguns até exageram no seu ateísmo, como o biólogo Richard Dawkins, muito famoso nos tempos que correm. Alguns até chamam “cruzada” ao movimento que ele encabeça contra a Religião, o que não deixa de ser um nome bastante curioso. Eu considero que o discurso dele é demasiado radical, embora seja interessante ler os seus argumentos. Dawkins defende que a Religião é não só inútil como perniciosa, dando exemplos históricos. Ajudou a promover um anúncio do Movimento Ateísta nos autocarros no Reino Unido que apregoava: “Deus não existe. Vive a tua vida!” Enfim, não sei se é por se veicular uma mensagem desse tipo nos autocarros que as pessoas ganham ou perdem a “graça”, passam a acreditar ou deixam de acreditar em Deus... Mas, jogando com a palavra, tem graça.

A graça não será inata, não nascerá connosco; mas é inerente ao indivíduo no sentido de que este pode ouvir uma voz interior que apela à fé. S. Paulo explica muito bem o apelo de Deus.

Ele ia na estrada de Damasco quando ouviu a chamada: “Saulo, Saulo, porque me persegues?” Saulo, que não era crente, viu então a luz, passando a Paulo. A graça não é inata nem definitiva: há pessoas que, como S. Paulo, adquiriram a fé, e outras que a perderam, como é o caso de Darwin, que terá perdido a fé de uma forma lenta e gradual, não querendo fazer escândalo com isso. A mulher dele, Emma, que era extremamente religiosa, sentiu a certa altura que o marido já não era o mesmo. Mas ele, provavelmente porque não quis que tal mudança prejudicasse o seu casamento, apenas escreveu sobre o assunto numas notas autobiográficas que escondeu numa gaveta – só foram publicadas postumamente –, nas quais revelava o aparecimento e desenvolvimento das suas dúvidas. A mulher, quando se apercebeu daquele processo, terá entrado em pânico. Ela tinha jurado ficar com ele até que a morte os separasse, mas queria estar com ele também após a morte. Deixou de ter a certeza de que Darwin pudesse ir para o Céu junto com ela...

E chego então ao fim, perguntando: o que é isso de acreditar ou não acreditar? Uma pessoa acredita sempre em qualquer coisa. Há o acreditar em Deus e há, com certeza, outros tipos de crença, que podem mesmo recorrer à palavra *fé*. É evidente que toda a gente acredita nalguma coisa. Podem não acreditar no transcendente, mas toda a gente acredita nalguma coisa. Li um diálogo muito interessante entre um filósofo ateu, o italiano Paolo Flores d'Arcais, e um teólogo católico, o cardeal Joseph Ratzinger, antes de se tornar Papa com o nome de Bento XVI, em que, a certa altura, o moderador pergunta a d'Arcais: “Então, você não acredita em nada?” E o filósofo respondeu de um modo muito interessante: “Quanto à pergunta que me fez - «será possível viver sem fé?» - falta apenas pormo-nos de acordo sobre a palavra *fé*. Se, por *fé*, se entender qualquer paixão existencial profunda por alguns valores, que justamente façam da existência própria algo de sensato, e da nossa relação com os outros algo de significativo, não, não se pode viver sem fé; mas esta seria, na realidade, uma definição de *fé* incrivelmente genérica.” Com certeza que os seres humanos partilham valores humanos. Toda a gente partilha valores, embora não necessariamente idênticos, sobre o que é bom e o que é mau, o que é justo e o que é injusto. Para mim, essa destrição não é exclusiva de nenhuma religião.

Einstein disse isso mesmo de uma forma muito clara. Ele considerava-se uma pessoa religiosa, mas não no sentido de acreditar num Deus pessoal, no Deus do Antigo Testamento, o Deus dos judeus e dos cristãos, o Deus que se revela aos homens e que fala com os homens, o Deus cujo filho morreu na cruz. Para Einstein, isso não fazia sentido, mas fazia sentido pensar na harmonia do mundo como algo de transcendente. É uma visão um pouco panteísta, na linha de Espinosa. Ele tinha uma tal ligação intelectual a essa harmonia do mundo, que a considerava algo de religioso. Era o Mistério. E Einstein não se importava de escrever Mistério com maiúscula e não se importava de descrever a reverência que sentia perante esse Mistério como uma forma de Religião. Reconhecia que essa ligação ao Transcendente poderia não ser acessível a toda a gente. Para quem não conseguisse aceder a esta ligação profunda entre o cérebro e o mundo, considerava útil a ligação a alguma das religiões, digamos “normais”, do leque de religiões que são professadas e ensinadas. Einstein cresceu no seio da religião judaica, mas ensinaram-lhe também a religião católica. E depois, a certa altura, na adolescência, largou essas formas de religião: nunca entrou numa sinagoga para rezar. Ele achava que a Religião funcionava como cimento, que era algo de natural no ser humano, mas

de que ele não necessitava. Einstein considerava-se uma pessoa religiosa, mas não precisava das manifestações religiosas tradicionais. Quanto à ética, considerava-a um assunto unicamente humano.

Paolo Flores d'Arcais acrescenta: “Em contrapartida, se, por fé, se entender uma crença religiosa, respondo tranquilamente que sim, é possível viver sem fé; a fé não é necessária para dar sentido à própria existência. Pode-se conferir sentido à existência de muitas formas.”

Agora, podemos perguntar-nos: num mundo em que a fé não é obrigatória, por que é que o diálogo entre a Ciência e a Religião é um diálogo não apenas útil, mas também necessário? É que, devia ser fácil, quer a um cientista, quer a um teólogo – porque são ambos seres humanos, que vivem em comunidade – saírem das respetivas esferas e colocarem a questão de saber o que é, da sua experiência, partilhável pelos outros. Muita coisa é...

Quando entramos na questão da ética, dos valores, com certeza que a Religião tem contribuições a dar e a Ciência também. As contribuições da Ciência não têm de ser impostas a quem quer que seja mas poderão ser úteis, sendo por vezes mesmo indispensáveis, quando se trata do conhecimento do mundo natural. Se estamos a falar de problemas de base científica – por exemplo, temos hoje os problemas da clonagem, da manipulação genética, etc. –, a Ciência diz qualquer coisa, diz como se faz ou como se pode fazer, embora aquilo que se faz com o conhecimento já lhe escape. A Ciência fornece informação, mas não fornece valores. Não compete aos cientistas, ou pelo menos não compete só a eles, dizer o que é que se deve fazer com as imensas possibilidades que a Ciência oferece. Uma coisa é o saber, outra coisa é o poder, embora Francis Bacon tenha dito que “saber é poder”. E o poder não pode ser dado aos cientistas de maneira nenhuma. Do mesmo modo, os teólogos, as pessoas que estudam Religião e que tentam interpretar as doutrinas religiosas, têm coisas a dizer que vão muito além do domínio estrito da Religião. A questão dos valores, a questão das orientações a dar à nossa vida em conjunto, é algo que nos deve envolver a todos.

E há questões essenciais: se Ciência e Religião são características do ser humano, capacidades do ser humano, que podem surgir em conjunto, muitas vezes a conjugação das duas pode ser necessária, designadamente quando é o futuro do ser humano que está em causa. E dou um exemplo, um exemplo extremo, mas que se percebe muito bem: a sobrevivência da espécie humana. Vivemos aqui neste pequeno planeta e somos a maior ameaça para o nosso planeta. Hoje estamos a discutir questões de ameaças globais, como, por exemplo, o *stock* de armas nucleares, o aquecimento global, etc. A Terra, vista ao longe, é um minúsculo ponto azul – mas é um sítio onde se deram sangrentas batalhas, onde se dão batalhas!, onde se criaram fastásticas obras de arte, onde se criam obras de arte... Vista ao longe, nada disso é nítido! Somos todos habitantes deste minúsculo ponto. De um ponto de vista cósmico, o nosso planeta não passa de um pontinho. Qual é o futuro deste pontinho? É evidente que todos os habitantes da Terra têm responsabilidade nesse futuro. Somos a única parte do mundo que percebe o mundo no qual se situa a Terra. Não sabemos se há vida inteligente noutros lados, nem sequer sabemos se há vida *tout court* noutros lados. E, no entanto, se há alguém que percebe o mundo, ainda somos nós! Percebemos minimamente o funcionamento do mundo, percebemos qual é o nosso canto do mundo e percebemos qual é a relação entre o Sol e a

Terra e qual é a origem do Homem e das outras espécies, uma história antiga e que continua hoje em dia. Estamos agora a começar a perceber como é que funciona a mente. Não há mais ninguém capaz disso e essa capacidade chama-se Ciência. Para a sobrevivência coletiva, Ciência e Religião têm de falar uma com a outra.

Carl Sagan, um agnóstico, foi um astrofísico norte-americano que gostava de ouvir os outros, de falar para os outros, pelo que procurou líderes religiosos para falar do futuro da Terra, na altura mais ameaçada do que hoje por um holocausto nuclear. Ele dizia que todos somos precisos, no que toca ao futuro da espécie, ao futuro do planeta, porque somos a única parte do Universo que consegue compreender o Universo e que, por isso, tem um certo controlo sobre ele. Se a nossa espécie se extinguisse, o pobre Cosmos ficaria sem ninguém que o compreendesse. E eu acho isto fantástico! Já pensei noutras razões para a existência humana, mas esta de termos, que saibamos, o exclusivo da compreensão do Cosmos não para de me confrontar! Sagan viveu no tempo da Guerra Fria, no qual se temia que um desastre pudesse acontecer. Hoje estamos perante uma crise financeira com características globais, mas já tivemos crises bem maiores, crises políticas, económicas, sociais, etc. Então, termino dando a palavra a Carl Sagan. Num livro intitulado *Variedades da Experiência Científica*, ele escreve, textualmente: “Será que tentar perceber de alguma maneira o Universo revela uma certa falta de humildade?” Esta é uma pergunta que deixo aqui, porque normalmente diz-se que os cientistas são arrogantes. É uma acusação que, em geral, até é justa – alguns que eu conheço são-no de facto –, mas acho bastante injusto generalizar. Continua Sagan: “Creio que é verdade que a humildade é a única resposta adequada perante o Universo, mas não uma humildade que nos impeça de procurar descobrir a natureza do Universo que estamos a admirar. Se procurarmos essa natureza, então o amor pode ser inspirado pela verdade, em vez de se basear na ignorância ou na auto-ilusão.”

O amor é, decerto, um valor comum. E a relação com o próximo é uma relação que tem de ser construída em permanência. Mas Sagan diz que o amor tem de ser inspirado pela verdade, em vez de se basear na ignorância. Afirma: “Se existe um Deus criador, será que Ele ou Ela ou Isso [do inglês *It*] ou seja qual for o pronome apropriado preferiria uma espécie de cepo embrutecido que O adorasse sem nada compreender? Ou preferiria que os seus devotos admirassem o Universo real em toda a sua complexidade? Quanto a mim, parece-me que Ciência é, pelo menos parcialmente, adoração informada.”

Esta frase de Sagan lembra-me muito a posição de Einstein: a admiração, a reverência mesmo, perante o mundo considerado como Transcendente.

Segunda parte - Perguntas e respostas

Pergunta: A primeira pergunta para ambos tem que ver com a questão da origem do Universo, que é normalmente uma questão que está na mente das pessoas e na qual se cruzam argumentos científicos e argumentos metafísicos. A melhor teoria científica que se conhece para explicar o Universo, e que é consensual entre as pessoas desta mesa, é a Teoria do *Big Bang*. Mas permanecem questões sobre a criação do Universo. Pergunto, assim, a como é que

João Fernandes, crente, lida com as questões do foro religioso que se entrecruzam entre si origem do Universo, e faço a mesma pergunta a Carlos Fiolhais.

João Fernandes: Do lado da Ciência, a questão é mais fácil de responder do que parece, ou seja, a Ciência – a Astronomia, a Astrofísica, a Física – não têm resposta para esse momento inicial. Isto é, o *Big Bang* é uma teoria, e as provas de que o *Big Bang* tenha ocorrido são, todas elas, *a posteriori*. Não há nenhuma observação que permita dizer: este foi o momento inicial. Portanto, curiosamente, esta pergunta, do lado da Ciência, é mais fácil de responder por causa dessa falta de observações. Ou seja, o que nós conhecemos hoje em dia do Universo já existia, vinha do passado. Parece uma tautologia: todas as observações que temos do Universo surgiram já na presença dele e não há, neste momento, leis da Física para perceber o que é que terá sido o *Big Bang* no instante inicial. Há vários dados muito interessantes que mostram que o Universo está em expansão, que o Universo está a arrefecer, que uma das ideias do tipo “Santo Graal” da Ciência – a existência de ondas gravitacionais – pode ser um facto, etc. Tal como há ondas eletromagnéticas, os campos de gravitação poderão dar origem a ondas, e estas estão teorizadas matematicamente há muitos anos, mas não houve ainda observações diretas que as pudessem certificar, pelo menos até ao início deste ano [2015]. Dispomos, porém, de dados muito interessantes a este propósito e vamos recolher mais. Em todo o caso, voltamos à questão inicial: não há resultados científicos, observacionais, e um astrónomo depende acima de tudo das suas observações. Ou seja, e fazendo aqui um paralelismo com Galileu: o que permitiu a Galileu comprovar que o modelo antigo – que colocava todos os planetas a andar à volta da Terra – não estava certo não foi só uma asserção teórica, foram sobretudo as observações que realizou. Em particular, verificou que Vénus não podia andar à volta da Terra, tinha de andar à volta do Sol. Portanto, um astrónomo depende das observações para validar as suas teorias. Resumindo: nós não temos observações diretas que nos permitam observar esse momento inicial, esse momento a que podemos portanto chamar “momento de crença”.

Carlos Fiolhais: Não é a primeira vez que me fazem essa pergunta, de modo que não é a primeira vez que dou a minha resposta, que é esta: “Não sei, não faço a mínima ideia do que é que havia antes do *Big Bang* se é que havia alguma coisa.” O João Fernandes já deu a entender isto, mas eu digo-o ainda mais claramente: não sei e, na minha opinião, acho que nunca o viremos a saber. Tratou-se de uma concentração tão grande de energia que não haverá meio nenhum – um meio físico, que forneça informação física – que nos permita tirar conclusões a respeito desse tempo primitivo e do eventual tempo antes desse tempo primitivo. Pode-se fazer a pergunta, claro que sim, sobre o que existiria antes; não há mal nenhum em fazer a pergunta. Agora, nós não temos de responder às perguntas todas. Como disse, não só não sabemos responder a esta nos dias de hoje, como provavelmente nunca saberemos responder. De qualquer modo, a questão do *Big Bang* é extremamente curiosa. Como sabem, no *Génesis* há um relato da Criação, e quando apareceu a teoria do *Big Bang* houve, naturalmente, alguma tentativa de colagem à Bíblia: “Ora aqui está! Finalmente, a prova científica do *Génesis*.” Ora bem, a teoria do *Big Bang* não é nenhuma prova científica do *Génesis*. Quem pensa assim ainda vive nos tempos pré-galilaicos. É um erro de teologia. A situação de paralelismo entre a Criação da Bíblia e a Criação da Ciência pode gerar os maiores equívocos. O padre e escritor checo Tomás Halík, a certo passo do seu livro *A Noite do Confessor*, conta a

história de um amigo detentor de três qualidades que nem sempre coexistem: físico, católico e boa pessoa. Devido a estas três qualidades, foi convidado por um grupo de padres para fazer uma palestra sobre o *Big Bang*, onde deveria contar as últimas descobertas da Ciência a respeito do Cosmos, a chamada “partícula de Deus”, etc. Halík diz então: os meus colegas padres estavam à espera que um físico lhes diga alguma coisa que os ajude na sua fé; mas o físico ficou muito descoroçoado, porque não conseguiu transmitir nada de relevante para a fé deles. Quem estava equivocado, diz Halík, eram os meus colegas padres – eles nunca poderão, numa palestra dada por um físico, mesmo católico e boa pessoa, aprender algo que vá fazer a diferença na sua crença em Deus. E ele afirma isso muito claramente: “O pedido feito pelos sacerdotes de uma prova minúscula [de que a Bíblia está certa] não indica apenas uma incompetência possivelmente desculpável, mas também, de forma mais deprimente, uma incompetência *teológica* bastante menos desculpável e, em particular, uma fé fraca e doentia.” Isto são palavras de um padre contemporâneo que é um teólogo admirado.

Pergunta (a João Fernandes): No que respeita à questão da liberdade e da responsabilidade, interessa perceber, no interesse da Religião, qual é o papel da liberdade. No interior da Religião, qual é o papel da liberdade? Se tenho uma religião que me tutela, onde fica a minha responsabilidade?

João Fernandes: Eu não olho para a Religião como uma tutela. Eu, aqui, propositadamente, falei mais em fé do que em Religião. Evidentemente que eu me identifico com a religião católica; porém, não olho para a Religião como uma tutela, como um conjunto de preceitos que tenho de aceitar acriticamente. E aqui entra a minha liberdade. Porque eu tenho a liberdade total de professar essa fé de acordo com aquilo em que acredito. Eu identifico muito a fé com um ato de amor. A definição mais bela que conheço de Deus é esta: Deus é Amor. Eu identifico-me muito com um Deus Pai, um Deus de Amor, não com um Deus castigador, nem um Deus que resolve problemas científicos, um Deus que pode ajudar a responder a questões de ciência. Portanto, não o vejo como uma tutela. Os meus atos são da minha inteira responsabilidade. Jamais me passará pela cabeça culpar o Papa, os bispos ou os padres pelos meus próprios atos, só porque eu professo com eles a mesma fé e porque possuo um conjunto de valores que são compatíveis com esta fé. A minha responsabilidade vem de mim próprio, sou eu que a imponho, não é algo que venha de fora.

Pergunta (a Carlos Fiolhais): O que é que apareceu primeiro: o ovo ou a galinha? Havendo uma ordem inteligente que rege o Universo, e dado que o Homem só descobre o que já existe, qual é a causa primeira, já que o acaso não é científico?

Carlos Fiolhais: Primeiro, a questão do ovo e da galinha. Esta questão é uma das clássicas. E eu não sou biólogo... Mas a resposta é muito simples: foi o ovo que surgiu primeiro. Porquê? Porque a galinha nasce do ovo, como todos sabem, mas existiram animais na árvore de evolução anteriores à galinha. Há uma protogalinha, e a rutura, o momento da transformação, deu-se quando essa protogalinha pôs um ovo do qual, com a mutação, saiu uma galinha. Claro que isto não acontece num momento singular; as novas espécies resultam de uma acumulação de mutações. Aliás, o que é hoje uma espécie? É um código genético. E o código genético humano é 99,5% idêntico, mas 0,5% de diferença entre os seres humanos... Não é 100%, o

que faz com que a espécie humana não seja fisicamente igual. Parecendo que não, há apenas no máximo 0,5% de diferença entre nós... Portanto, antes da galinha existiu uma protogalinha; depois ocorreu uma mutação – estou a simplificar a descrição do processo, porque ele foi muito lento ao longo da história, ocorreram numerosas mutações em momentos diferentes – e, a certa altura, passou a existir uma nova espécie. Em resumo: a galinha resulta daquele ovo, mas, antes daquele ovo, houve um outro animal que não era bem uma galinha.

Quanto ao acaso, ele existe! Anatole France, um autor francês do século XIX afirmou que o acaso é o pseudônimo com que Deus gosta de assinar quando não quer pôr lá o Seu nome... Mas era um autor do século XIX. O acaso existe mesmo e nós não podemos raciocinar como no tempo de Newton ou no século XIX, quando se pensava que o mundo era um relógio, que há uma causa que tem sempre um certo e determinado efeito... Para mostrar que o acaso existe, sabemos hoje coisas tão simples quanto isto: através da utilização de computadores, sabemos que podemos conhecer muito bem as leis da Física clássica – até pode ser a lei da gravitação universal de Newton –, que podemos conhecer as condições iniciais com uma grande exatidão, mas que pequenas mudanças das condições iniciais darão origem a condições finais muito diferentes. O bater das asas de uma borboleta no Brasil pode dar origem a um furacão em Portugal. É claro que uma pessoa não pode atribuir uma coisa à outra, não existe uma causalidade direta. Não podemos dizer que este furacão aqui foi devido ao voo daquela borboleta ali. E é nesse sentido que podemos falar em acaso. Assim, nós, apesar de julgarmos que baseados na ciência podemos saber tudo, acabamos na prática por saber muito pouco, a longo prazo praticamente nada. Portanto, aquele mito do determinismo clássico que dizia: “Dêem-me as forças e as condições iniciais, que eu saberei como será o mundo” – que era afinal o sonho do determinismo – está hoje completamente desfeito, mesmo no quadro da mecânica clássica. Já nem falo no quadro da mecânica quântica, na qual o acaso está implícito e omnipresente através do uso de probabilidades. Não podemos apontar com precisão onde está determinado eletrão, só podemos dizer que está por ali, fazendo um gesto vago! Neste caso trata-se de um acaso radical. Mesmo no caso dos planetas, com os melhores computadores do mundo, eu posso dar as suas posições e velocidades atuais mas é muito difícil prever o que vai acontecer, daqui por cinco milhões de anos. Eu sei as leis, mas não posso saber ao certo os resultados.

Quero ainda assinalar que há um *quid pro quo* na questão das causas e efeitos. A certa altura, nesta procura de causa-efeito, quer-se remontar tudo às causas primeiras e ouve-se dizer que a causa primeira se chama Deus. Mas por esse caminho não se chega lá. Já foram tentadas muitas maneiras para provar a existência de Deus através de argumentos do tipo lógico e filosófico. Pode cursar-se uma disciplina inteira sobre as “provas da existência de Deus” em Filosofia e a conclusão é - pelo menos até agora - e eu não auguro que venha a haver alguma alteração –, que não se pode provar cientificamente a existência de Deus. Nem a inexistência, já agora! A existência de Deus não é uma questão do domínio da Ciência e esse argumento da necessidade de uma causa primeira é um argumento facilmente desmontável. O padre que há pouco referi, Tomás Halík, sem saber muito de Ciência, diz isso claramente quando afirma que, se os seus colegas sacerdotes estão à espera que um físico lhes vá explicar qualquer coisa que os ajude a ter mais fé, estão perfeitamente equivocados. Não são argumentos da minha disciplina científica que vão permitir a alguém ter mais fé ou, em oposição, a perder a fé.

Pergunta: Sendo “Palavras no Tempo” um projeto que privilegia o diálogo e a argumentação, como suscitar essa capacidade, que pressupõe o conhecimento e a reflexão, num mundo do imediatismo, um mundo em que, por exemplo nas escolas, não há tempo para a maturação do saber?

João Fernandes: Uma das respostas é precisamente o que estamos a fazer hoje. Há uns meses, quando perguntaram ao antigo reitor da Universidade de Lisboa, Sampaio da Nóvoa, quais foram os maiores problemas que teve como reitor – e imagina-se que o reitor de uma grande universidade, hoje em dia, não deva passar por pouco –, ele respondeu: “A falta de tempo para parar e refletir.” Ele contou que o que mais apreciava era poder ir para uma biblioteca, estar lá durante umas três ou quatro horas, a ler e reflectir. E, de facto, o mundo de hoje, a vida de hoje, proporciona-nos muito poucos momentos em que possamos parar para pensar, para refletir. São-nos exigidos resultados não para amanhã, não para hoje, mas para agora ou mesmo para ontem. E isto leva-nos a andar sempre numa correria. Eu percebo esta pergunta e não tenho resposta para ela. A única resposta é tentar contrariar a vaga que nos arrasta. A pergunta parece-me feita por um professor ou por uma professora. Eu sou professor também e tenho irmãos que são professores do ensino secundário, que me relatam isso mesmo: temos todos muito pouco tempo. E assuntos destes precisam de tempo, uma vez que não há respostas imediatas. Perante certas questões podemos estar a vida toda sem chegar a respostas concretas. A única forma que eu vejo é lutar, na medida do possível, para ter tempo para refletir. Hoje em dia temos, apesar de tudo, essa ferramenta extraordinária que é a Internet, com a qual, mediante um clique, algumas respostas aparecem. Mas nós não funcionamos assim, não funcionamos à velocidade da Internet; os nossos sentimentos, as nossas emoções, não funcionam à velocidade da Internet; os resultados que procuramos não vêm imediatamente. A demanda por mais tempo é uma luta geral, mas foruns como o que estamos a realizar aqui, podem ser importantes para criar esse tempo de reflexão.

Pergunta: Há aqui uma pergunta que, provavelmente, se esperava que se fizesse ao João Fernandes, mas eu gostava de a dirigir ao Carlos Fiolhais: O cerne da Religião é a fé, a fé em algo que não se consegue explicar; no outro extremo, a Ciência vai avançando, vai descobrindo, vai explicando, levantando o véu a respeito da Natureza; quando todo o véu tiver sido levantado, onde estará o espaço para a fé?

Carlos Fiolhais: Esse espaço já existe hoje e estou convencido de que vai continuar a existir amanhã. A resposta reside na própria pergunta: “O cerne da Religião é a fé, a fé em algo que não se consegue explicar”. Santo Agostinho dizia: “Se compreendeis, não é Deus.” Deus está “para lá”, é a fuga àquilo que é normal, é o tal “escândalo”... O normal é aquilo que podemos compreender; o que vai para lá daquilo que compreendemos – de que algumas pessoas precisam e outras não precisam – será do domínio da Religião, um domínio que eu estou convencido permanecerá sempre. Aliás, é muito curioso que, no século XIX, com a Teoria da Evolução, tenha havido um fortalecimento do positivismo, do cientismo, querendo tal significar para muitos pensadores que, uma vez a Ciência triunfante, a Religião não seria precisa para nada. Mas resulta da confusão que já referi que consiste em pensar que as duas esferas – Ciência e Religião – ocupam o mesmo território, uma confusão que já vem do tempo de Galileu. Se pensarmos que não ocupam, então há espaço para as duas. Aliás, podemos

observar que o fenómeno religioso continua hoje muito forte no mundo. Por exemplo, quanto à questão da evolução, nos Estados Unidos são causas religiosas que fazem com que as pessoas não aceitem a teoria de Darwin. E mesmo na Igreja Católica, em 2005, houve uma carta do cardeal Christoph Schönborn, de Viena, onde ele escreveu qualquer coisa como isto: há certas afirmações da Teoria da Evolução que aceito, mas há outras que não aceito; por exemplo, o acaso: não posso aceitar que as mutações que fazem surgir a galinha são devidas ao acaso. Tem de haver um *design*, tem de haver um ato de criação permanente, um certo sentido. Considerou-se que o cardeal, ao dizer isto em nome da Igreja Católica, estava a correr um risco de alienação em relação à Ciência. Mas houve um jesuíta, que trabalhava e trabalha no Observatório Astronómico do Vaticano, Guy Consolmagno, portanto padre e cientista, que veio dizer que o senhor cardeal estava equivocado. E não foi o único padre que o disse. Lá está: é a tal história de querer colocar Ciência e Religião no mesmo terreno. Como bem explicou Santo Agostinho, são terrenos diferentes. Dizia o padre Halík, citando Santo Agostinho: “Se há alguma coisa sobre a qual você tem ‘uma opinião firme’, então pode ter a certeza de que isso não é Deus.”